


**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



**Filosofia
Política,
Educação,
Direito e
Sociedade 5**

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e
Sociedade 5

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade 5 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade; v. 5)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-098-8

DOI 10.22533/at.ed.988190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Caros leitores,

Bem-vindos ao livro *Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade*.

Meu desejo é construir junto com vocês alguns modos de existência experiências filosóficas diversificadas e intensas!

O livro permitirá entrar no mundo fascinante em que o pensamento se pensa a si mesmo. Se vocês já têm contato com a reflexão filosófica, encontrarão aqui caminhos para ir mais longe.

Tudo neste livro foi elaborado com cuidado para oferecer possibilidades de compreender filosoficamente a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Os volumes abrem as portas da Filosofia aos que não a conhecem e convida os que já a conhecem a atravessá-las com olhar renovado com uma coleção de temas bastante significativos em nossa vida cotidiana e que aqui são tratados filosoficamente. Contribui para o estudo sistemático da história do pensamento filosófico seja individualmente, seja com seus companheiros de escola, vocês poderão ler este livro de maneira linear, quer dizer, indo do começo ao fim.

O livro contém ainda uma grande quantidade de textos além de recursos culturais (documentos científicos, filmes, obras literárias, pinturas, músicas etc.) dos quais nascem as reflexões aqui apresentadas ou que podem ser tomados como ocasião para continuar a filosofar.

O que proponho é que filosofemos juntos, quer dizer, que pratiquemos juntos atos filosóficos em torno de assuntos diversos, procurando desenvolver o hábito da Filosofia ou do filosofar. Vocês perceberão que a atividade filosófica vai muito além da formação escolar, porque envolve muitos senão todos aspectos da nossa vida. No entanto, a escola continua sendo um lugar privilegiado para praticar a Filosofia, pois nela temos a possibilidade de nos beneficiar da companhia de nossos professores, amigos, colegas e todos os membros que compõem o ambiente formativo.

Espero que vocês aproveitem ao máximo a minha proposta e tenham o desejo de ir além deste livro, encontrando os próprios filósofos e filósofas, obtendo muito prazer com a atividade de pensar sobre o próprio pensamento.

Toda filosofia é um combate. Sua arma? A razão. Seus inimigos? A tolice, o fanatismo, o obscurantismo. Seus aliados? As ciências. Seu objeto? O todo, com o homem dentro. Ou o homem, mas no todo. Sua finalidade? A sabedoria. Este livro é uma porta de entrada para a filosofia, permitindo ao leitor descobrir as obras para constituir futuramente sua própria antologia.

Com o objetivo de ampliar as discussões sobre as políticas públicas de educação no Brasil contemporâneo, com fundamentação histórica e filosófica, o projeto procurou possibilitar a reflexão sobre as formas de contribuição dos movimentos sociais para a sua ampliação, as lutas pelo reconhecimento da diversidade dos seus sujeitos, assim como levantar questões que condicionam as políticas de inclusão aos determinantes

econômicos.

Ciente da complexidade das discussões propostas nesta publicação, visamos agregar e divulgar para a comunidade acadêmica, profissionais da educação, representantes dos movimentos sociais e instituições interessadas no tema, algumas reflexões sobre as políticas públicas de educação implementadas no Brasil após a Constituição Federal de 1988 – Constituição Cidadã. Agradecemos a todos que contribuíram para esta publicação, principalmente aos autores que disponibilizaram artigos. Esperamos que este livro venha a ser um importante instrumento para os avanços na concretização das políticas de educação no Brasil contemporâneo.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PADRE RAPHAEL MARIA GALANTI: ABORDAGEM CÍVICA E JESUÍTICA DA HISTÓRIA DO BRASIL PARA CRIANÇAS	
Ligia Bahia de Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.9881904021	
CAPÍTULO 2	14
GENEALOGIA DO <i>ETHOSEM</i> SARTRE: IMPLICAÇÕES DO ATUALISMO ONTO-FENOMENOLÓGICO NA LITERATURA E DRAMATURGIA	
Ricardo Fabricio Feltrin	
DOI 10.22533/at.ed.9881904022	
CAPÍTULO 3	28
PARA QUE FILOSOFIA? A FINALIDADE DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	
Ítalo Leandro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9881904023	
CAPÍTULO 4	38
AMBIENTE FAMILIAR LETRADO: SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Leliane Aparecida Ribeiro	
Sandra Fiorelli de Almeida Penteado Simeão	
DOI 10.22533/at.ed.9881904024	
CAPÍTULO 5	43
ANÁLISE DAS PRÁTICAS DOCENTES E DISCENTES EM UMA DISCIPLINA DO ENSINO SUPERIOR EM SAÚDE NO CONTEXTO DA USABILIDADE DAS FERRAMENTAS COLABORATIVAS DO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM MOODLE	
Sílvia Emanoella Silva Martins de Souza	
André Ribeiro da Silva	
Cássio Murilo Alves Costa	
Maria Auristela Menezes Costa	
Jitone Leônidas Soares	
Jônatas de França Barros	
Carissa Menezes Costa	
Críssia Maria Menezes Costa	
Fernando Antibas Atik	
DOI 10.22533/at.ed.9881904025	
CAPÍTULO 6	49
ANTROPOLOGIA LITERÁRIA: UMA ANÁLISE DO OLHO E DO OLHAR EM “O CORAÇÃO DELATOR” DE EDGAR ALLAN POE	
Anelliz Galvão do Amaral Giovaneti	
DOI 10.22533/at.ed.9881904026	

CAPÍTULO 7	55
ANÁLISE SOB OS CRITÉRIOS DO MEC DE UM CURSO ABERTO MASSIVO	
Edilmar Marcelino Ana Beatriz Buoso Marcelino	
DOI 10.22533/at.ed.9881904027	
CAPÍTULO 8	66
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO FACEBOOK: COLABORAÇÃO, LETRAMENTO DIGITAL E AUTONOMIA	
Inês Cortes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9881904028	
CAPÍTULO 9	76
ANÁLISE DE DISCURSO DE UMA PROPAGANDA DO GOVERNO TEMER SOBRE O “NOVO ENSINO MÉDIO”	
José Ronaldo Ribeiro da Silva Juliane Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.9881904029	
CAPÍTULO 10	88
PARA UMA CRÍTICA DA MEDICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO	
Jucélia Maciel do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.98819040210	
CAPÍTULO 11	91
A TRAJETÓRIA DE ORGANIZAÇÃO DA CATEGORIA DOS TRABALHADORES PORTUÁRIOS AVULSOS (TPAS) DO PORTO DE PARANAGUÁ- PR E AS ATUAIS DEMANDAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL MARÍTIMA	
Luceli Gomes da Silva Mário Lopes Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.98819040211	
CAPÍTULO 12	104
AS LINGUAGENS UVIVERSAIS	
Manoel Lima Cruz Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.98819040212	
CAPÍTULO 13	117
BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: O BRINCAR COMO ESTRATÉGIA INTERDISCIPLINAR	
Flávia de Castro Caixeta Kamylla Guedes Sena Tiago Gonçalves Côrrea Fernanda Duarte Pinheiro Vanessa Arruda Pires Karina Pereira da Silva Juliana Martins de Souza Janaína Cassiano Silva	
DOI 10.22533/at.ed.98819040213	

CAPÍTULO 14 124

AS ATRIBUIÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NO CONTEXTO DAS ESCOLAS PÚBLICAS
MUNICIPAIS DO ARACATI/CE: DO IDEAL AO POSSÍVEL

Catarina Angélica Antunes da Silva
Gilson de Sousa Oliveira
Enéas de Araújo Arrais Neto
Tânia Serra Azul Machado Bezerra

DOI 10.22533/at.ed.98819040214

CAPÍTULO 15 137

DIVERSIDADE SOCIAL: PAUTA DE DISSERTAÇÕES E TESES DEFENDIDAS EM PROGRAMAS DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Gualber Pereira Silva de Oliveira
Arlene Maria Soares de Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.98819040215

CAPÍTULO 16 150

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: LIMITES E CONTRADIÇÕES DA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE NA
MODALIDADE

Paula Eliane Costa Rocha
Patrícia Moraes Veado
Andrea Cristina Versuti

DOI 10.22533/at.ed.98819040216

CAPÍTULO 17 162

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: O VÍDEO COMO ESTRATÉGIA NO ENSINO
FUNDAMENTAL

Argicely Leda de Azevedo
Gerilúcia Nascimento de Oliveira
Jorgete Comel Palmieri Mululo
Polyana Milena Barros Navegante
Carolina Brandão Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.98819040217

CAPÍTULO 18 170

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL DE CRIANÇAS: O SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL “A TRIBUNA”
DE SANTOS

Marina Tucunduva Bittencourt Porto Vieira
Bruno Bortoloto do Carmo

DOI 10.22533/at.ed.98819040218

CAPÍTULO 19 184

O PAPEL DA EDUCAÇÃO FRENTE À CIDADANIA TENDO AS MÍDIAS COMO FONTE DE
MANIPULAÇÃO E CONSUMISMO

Danielle Stewart Oliveira de Araujo
Ícaro Ribeiro Soares
Maria Clara Pinto Cruz

DOI 10.22533/at.ed.98819040219

CAPÍTULO 20	195
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA EM AULAS DE HISTÓRIA	
Daniel Luciano Gevehr Darlã de Alves Shirlei Alexandra Fetter	
DOI 10.22533/at.ed.98819040220	
CAPÍTULO 21	212
A MÁQUINA DISCIPLINADORA: CONTRIBUIÇÕES DE FOUCAULT PARA EDUCAÇÃO ESCOLAR	
Ravelli Henrique de Souza Marta Regina Furlan de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.98819040221	
CAPÍTULO 22	222
FORMAÇÃO HUMANA E AFETIVIDADE: ELEMENTOS CRUCIAIS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Farbênia Kátia Santos de Moura Daniela Fernandes Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.98819040222	
CAPÍTULO 23	233
O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA: DIALOGANDO COM ALEXANDER ROMANOVICH LURIA	
Lorita Helena Campanholo Bordignon Marilane Maria Wolff Paim	
DOI 10.22533/at.ed.98819040223	
CAPÍTULO 24	244
OS DESAFIOS DO EDUCANDO DO PROGRAMA TOPA NO CONJUNTO PENAL DE PAULO AFONSO	
Joilson Alcindo Dias Maria Aparecida da Silva Braz Vinícius Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.98819040224	
CAPÍTULO 25	254
TORNAMO-NOS ATRAVÉS DAS COISAS	
Luiz Antonio Pacheco Queiroz Willian Carboni Viana	
DOI 10.22533/at.ed.98819040225	
CAPÍTULO 26	261
A INCLUSÃO DO ENSINO DA HISTÓRIA REGIONAL NOS 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL, NA DISCIPLINA HISTÓRIA, EM MATO GROSSO DO SUL	
Elizabeth de Fátima da Silva Mattas	
DOI 10.22533/at.ed.98819040226	
CAPÍTULO 27	274
REFORMA EDUCACIONAL FRANCISCO CAMPOS: INOVAÇÃO, CENTRALIZAÇÃO E AUTORITARISMO	
Edelcio José Stroparo	
DOI 10.22533/at.ed.98819040227	

CAPÍTULO 28 284

RELAÇÃO ENTRE ESTILOS DE APRENDIZAGEM E DESEMPENHO NA AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Sonia Maria Duarte Grego
Flaviana Cristine Assumpção
Eliana Curvelo
Marisa Veiga Capela

DOI 10.22533/at.ed.98819040228

CAPÍTULO 29 295

RELAÇÃO INTERSEMIÓTICA DE TEXTOS MULTIMODAIS: UM ESTUDO IDEACIONAL CONFORME AS GRAMÁTICAS *SISTÊMICO-FUNCIONAL* E DO *DESIGN VISUAL*

Jeniffer Streb da Silva
Noara Bolzan Martins

DOI 10.22533/at.ed.98819040229

CAPÍTULO 30 301

A ESCRITA ESTUDANTIL EM PERIÓDICOS ESCOLARES NA ERA VARGAS

Eliezer Raimundo de Sousa Costa

DOI 10.22533/at.ed.98819040230

CAPÍTULO 31 316

O SOLDADO E A BAILARINA: PRÁTICAS PSICODRAMÁTICAS NO COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR

Manon Toscano Lopes Silva Pinto

DOI 10.22533/at.ed.98819040231

CAPÍTULO 32 325

OS ESTÁGIOS SOCIOCULTURAIS DA UFRR E SUAS RELAÇÕES COM A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

Samara Siqueira de Souza
Edison Riuitiro Oyama

DOI 10.22533/at.ed.98819040232

CAPÍTULO 33 336

TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE DIDÁTICA: UM ESTUDO A PARTIR DE TRÊS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA REGIÃO CENTRO-OESTE (2004-2010)

Adriana Rodrigues
Andréa Maturano Longarezi

DOI 10.22533/at.ed.98819040233

CAPÍTULO 34 348

A PROBLEMÁTICA DO LIXO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EJA DA ESCOLA RUI BARBOSA EM PINHAL GRANDE /RS

Ivani Belenice Dallanôra
Cibele Pase Liberalesso
Marilene Scapin
Thaís Vendruscolo
Zenita Maria Uliana Posser

DOI 10.22533/at.ed.98819040234

CAPÍTULO 35 357

O VALOR DA MARCA E A PERCEPÇÃO DO INTANGÍVEL: CAMPANHAS NATURA

Daiane do Rosário Martins da Silva
Mirian Sousa Moreira
Ana Clara Ramos
Carla Mendonça de Souza
Allana Dalila Costa Rodrigues Lacerda
Liliane Guimarães Rabelo
Rafael Silva Couto

DOI 10.22533/at.ed.98819040235

SOBRE A ORGANIZADORA..... 368

GENEALOGIA DO *ETHOS* EM SARTRE: IMPLICAÇÕES DO ATUALISMO ONTO- FENOMENOLÓGICO NA LITERATURA E DRAMATURGIA

Ricardo Fabricio Feltrin
UNIOESTE

RESUMO: O objetivo da atual pesquisa alicerça-se na problemática do *devoir* em termos éticos na filosofia sartriana; dando ênfase aos escritos literários, pois compõem a perspectiva de situação ao transitar entre o perfil fictício e a *práxis*. Neste mesclar de roteiros, entre literatura e dramaturgia, intenciona-se “desvendar” a trajetória à questão da ética, já que nos escritos de natureza filosófica a abordagem restringe-se, inúmeras vezes, ao âmbito promissivo. A ética representa a atuação aglutinada num certo tipo de engajamento originário na inter-relação, pois a consciência, sendo vazia, está lançada-no-mundo e é parte dele na coletividade. Somos responsáveis, na subjetividade e alteridade, porque cada indivíduo é a representação total de sua época, vive a sociedade inteira e a produz a partir de suas escolhas. Assim, se a subjetividade é possível, é um fenômeno evanescente, dissipa-se na sua objetividade no mundo e no seu atualismo. Tão logo, o âmbito do *ethos*, vertido no engajamento só poderia se dar, hipoteticamente, a partir da contribuição de Sartre na produção literário-dramatúrgica.

PALAVRAS-CHAVE: Ética; Engajamento; Situação; Literatura.

ABSTRACT: The objective of the current research is based on the problematic of the *devoir* ethical approach in the Sartriana philosophy; Emphasizing the literary writings, they make up the perspective of situation by passing between the fictitious profile and praxis. In this mix of scripts, between literature and dramaturgy, intends to “unravel” the trajectory to the question of ethics, since in the writings of a philosophical nature the approach restricts itself, countless times, to the scope promised. The ethics represent the action coalesced in a certain type of engagement originating in the interrelationship, because the consciousness, being empty, is launched-in-world and is part of it in the collective. We are responsible, in subjectivity and alterity, because each individual is the total representation of his time, lives the whole society and produces it from his choices. Thus, if subjectivity is possible, it is a evanescent phenomenon, dissipates in its objectivity in the world and its currentism. So soon, the scope of the *ethos*, shedded on the engagement could only be given, hypothetically, from the contribution of Sartre in the literary production-dramaturgical.

KEYWORDS: Ethics; Engagement; Situation; Literature.

1 | INTRODUÇÃO

Genuinamente, sem hesitação, a França constitui-se como berço portentoso de pensadores distintos na história da filosofia. Jean-Paul Sartre faz parte deste grupo, sobressaindo-se, pois, além de produzir volumosa obra, atuou efetivamente sob o mote de sua filosofia-engajada. Ao revisitar suas páginas notar-se-á profícua transitividade entre literatura e filosofia, além de inúmeros trabalhos de natureza política, imprescindíveis para a compreensão de seu papel enquanto intelectual engajado. Há um objetivo pontual em recorrermos a Sartre no árduo alento de alcançarmos alguma reflexão sobre o “ser” constituinte do homem. Por ora, sabemos que não emana exclusivamente dos escritos filosóficos, mas no seu conjunto, encontram-se elementos conceituais rigorosos dando causa ao próprio homem, transformando perenemente esta estrutura conceitual, vertendo para um viés inovador e emblemático, denominado de existencialismo.

Seus estudos inaugurais, ao apresentar o existencialismo fenomenológico, remetem à proposta de descrever a vida humana entrelaçada subvencionalmente ao mundo fenomênico, enquanto realidade concrecível posta frente aos olhos da consciência posicional, estabelecendo os vínculos entre este e a condição humana. A obras iniciais, como em *A náusea*, nos conduzem a compreensão de que a vida apresenta-se enquanto *pura* contingência, tudo está no mundo e em ato, tal definição passa a figurar como o elemento primordial para a teoria existencial de Sartre. Roquentin, ao perceber a raiz do castanheiro no parque público em Bouville, realiza uma experiência única ao descobrir o caráter impotente do rigor conceitual, as definições não cabiam “nas coisas”, pois elas estavam ali, externa a si, e então ele intui, a partir deste embote que a consciência lhe trazera:

“de repente, ali estava, claro como dia: a existência se revelara. Perdera seu aspecto inofensivo de categoria abstrata: era a própria massa das coisas, aquela raiz estava sovada de existência. Ou antes, a raiz, as grades do jardim, o banco, a relva do gramado, tudo se desvanecera; a diversidade das coisas, sua individualidade, eram apenas uma aparência, um verniz.” (SARTRE, 2006, p.16).

A existência não deve ser definida em termos de necessidade, para a qual as coisas no universo devam ocorrer a partir de leis inexoráveis movendo-se de maneira previsível. Para esta teoria existencial sobreviver, ela deverá prescindir, remissivamente, de qualquer possibilidade essencialista ou substancialista. Sob um viés ilustrativo, opostamente, Descartes se reteve nisto ao propor o surgimento do *cogito*. Ao lançarmos à questão do homem à filosofia cartesiana encontramos a *res cogitans*, como coisa pensante, para a qual o atributo, a qualidade, a natureza humana estaria disposta em termos essenciais. Outra situação declinada sobre o mesmo prisma, trata-se do sujeito lógico-formal postulado por Kant em *A crítica da razão pura*, o sujeito responsável por acompanhar a todas as representações. Parece ser óbvio o motivo de Sartre criticar argutamente estes princípios, principalmente ao descobrir, que no caso humano, “a existência precede a essência”. Para compreensão da premissa, o autor nos serve com

o famoso caso do corta-papel trazido à tona em sua conferência o *Existencialismo é um humanismo* em 1946 visando corrigir incompreensões provenientes de uma leitura incoerente do que seja seu existencialismo *n'Ó ser e o nada*. Vamos ao exemplo:

Consideremos um objeto fabricado, como, por exemplo, um livro ou corta-papel; esse objeto foi fabricado por um artífice que se inspirou num conceito; tinha como referenciais, o conceito de corta-papel assim como determinada técnica de produção, que faz parte do conceito e que, no fundo, é uma receita. Desse modo, o corta-papel é, simultaneamente, um objeto que é produzido de certa maneira e [...] tem uma utilidade definida: [...]. Podemos assim afirmar que, no caso do corta-papel, a essência – ou seja, o conjunto das técnicas e das qualidades que permitem a sua produção e definição – precede a existência; e, desse modo, também, a presença de tal corta-papel ou de tal livro na minha frente é determinada. (SARTRE, 1987, p.5).

Quando fazemos algo o realizamos com alguma intenção e o propósito ou a essência vem antes da sua existência. Opostamente, o existencialismo sartriano contesta a existência de um artífice supremo e de qualquer instância anterior ou determinante da ação humana, porque o homem não surge no mundo para atender finalidades específicas. O ser é envolvido, continuamente, pela experiência nauseante e tediosa, pois, se o mundo não tem sua origem a partir da vontade de um sumo inventor, conseqüentemente, não há fundamento à existência humana. Esta crise fundamental o desola atacando-o frontalmente obrigando-o a rejeitar a tese de sermos concebido sob a égide de um destino e, aí, a existência precede a essência; pois, incontornavelmente, o sujeito deve criar seus intentos a partir de si mesmo. Na iminência desta emergência nasce à liberdade, ontologicamente originada e contaminada intimamente pelo princípio de negação, responsável por negar a identidade do em-si. Esta peculiaridade, além de tornar Sartre ícone na história da filosofia revelou a primazia existencial: o homem primeiro vem ao mundo, acha-se lançado na contingência, se descobre, e no seu atualismo dialético, entre perceber e atribuir significado, vai se escolhendo a partir da perspectiva do projeto.

A tarefa é importante, necessitando-se esmiuçá-la a fim de esclarecer como se dariam estas articulações: da consciência ontológica radicalmente livre à sua imanência, já que somos, paradoxalmente, condenados a liberdade. A liberdade está vinculada sempre as escolhas e não há saída para isto, mesmo não optando ainda sim estaríamos elegendo, a existência está debruçada sobre si mesma. Inicialmente, a contingência se constitui como representação primeira e via possível para tal designação porque possibilita o surgimento de uma consciência voltada à sua exterioridade e esta condição afasta, repulsivamente, a identidade onto-fenomenica de restringir o homem em termos conceituais, resgata-o positivamente sob o viés da possibilidade, pois é um vivente em situação. Ele é aquilo que pode se tornar, é o projeto enquanto atividade *atual* de superação de situações limítrofes tendo em vista reorganizar o *estado* do homem. “[...] o homem caracteriza-se [...] pela superação de uma situação, por aquilo que consegue fazer do que foi feito dele, embora nunca se reconheça em sua objetivação” (SARTRE, 2002, p.77). Esta contribuição trazida por

meio d'*A crítica da razão dialética* devolve para o homem a responsabilidade que lhe é própria; responder a si mesmo no entremeio de suas escolhas possíveis.

2 | VALORAÇÃO ÉTICA EM SARTRE – ATUALISMO ONTO-FENOMENOLÓGICO NA LITERATURA E DRAMATURGIA

A partir deste introito, em situarmos a questão da existência sob a ótica da fenomenologia existencialista sartriana, quer-se delinear a problemática a ser pesquisada e argumentada no espectro da possibilidade do *valor*, do vir a ser em termos da ética em Sartre. A *genealogia*, neste recorte, não se refere, exclusivamente, ao estudo do surgimento do tema da ética em sentido generalizante, contudo, aplica-se ao tratamento dado ao assunto e a forma como ele foi costurado em suas obras. A genealogia surge sob a possibilidade de mapeamento temático dando ênfase aos escritos literatos com a finalidade de perseguir os meandros deslindando-se na perspectiva do *ethos*, *valor* e ética, que nesta pesquisa, serão sinônimos, por um motivo muito peculiar, Sartre trata a ética como atuação aglutinada num certo tipo de engajamento, que virá a ser desvelado no desdobrar da investigação.

Da síntese atual entre sujeito versus alteridade, faz necessário explicar acerca da escolha do termo *ethos*. Segue-se tradução do grego com proximidade do nosso vocabulário enquanto “costume”, mas é a dimensão de vê-la relacionada a um conjunto de ações, uma espécie de “animo”, capaz de propulsar o âmbito coletivo, da formação de grupo, como Sartre no tomo I d'*A crítica da razão dialética* procura teorizar, “o conjunto prático”. O teor de tal concepção surge-lhe analogamente à mão e a luva, cumpre o seu papel na medida em que parametriza um conceito não mais inflexível, universalizado racionalmente *a priori*, não que a proposta sartriana seja o avesso, irracional, porém, esta ética reveste-se pela característica da metamorfose. Assim, a etologia nasce de uma perspectiva de inter-relação, sendo a consciência vazia, ao ser lançada-no-mundo, é parte dele e, nele, o homem não está sozinho, há o Outro, *d'O ser e o nada*, representando a “ameaça” restritiva de minha liberdade e há também o outro da coletividade, do grupo, do eu em comum e da finalidade.

Porquanto, o eu, surge na contingência em detrimento da autoconsciência apresentada na obra *A transcendência do ego*, como uma noção capital para a concepção de eu, pois, “o *Ego* não está na consciência nem formal nem materialmente: ele está fora, *no mundo*, é um ser no mundo, tal como o *Ego* de outrem”. (SARTRE, 1994, p.43). Para refletir sobre o modo da ética ontologicamente, deveremos partir das inter-relações. Uma vez que o homem atua por um princípio de significância; a tese de exigência para a sua transformação sobrepuja as terminações valorativas, pois, sendo o Para-si presença imediata a si, instantaneamente, toda moral depende, tão somente, do sujeito, ela não está alheia, externamente do campo prático, ou sobrevêm invadindo o seu ser por uma fissura, preenchendo o vazio do Para-si. A

ética implicará o ser do compromisso, pois o valor só poderá adentrar o mundo por meio da subjetividade representando a autonomia entranhada nas escolhas. Como o valor só ganha densidade existencial via sujeito, tão logo, não poderá haver ordem pré-estabelecida de valores, é preciso inventar, originar, criar, majorar, tornando-se responsável pelo mundo e por si. O ser humano atua via projeto arrastando consigo a densidade ética nas relações para com outrem.

Enquanto se reporta ao atualismo, temos de pensar na concepção de que Sartre não se refere há uma possibilidade de discussão na esfera contemporânea de sua problemática. O atualismo remete à atividade da consciência na medida de manifestação contínua sob o aspecto fenomenológico, atribuir significado a toda condição fenomênica originária contingente, opondo-se aos domínios de uma consciência virtual ou *irreal*. Na consciência não há *habitante*, e sua atividade remete sempre ao exercício posicional, se esgotando nele, não sendo, concomitantemente, posicional de si ou reflexão pura acerca do ato. A virtualidade de consciência remontaria a necessidade instantânea de voltar-se sobre si, recuperando as estruturas originárias de todo ato gnosiológico, apenas instila uma possibilidade metafísica e especulativa quanto ao ser do homem, parafraseando Descartes é possível propor: “intenciono, logo sou”.

Na obra *A imaginação* Sartre procurou tratar disto concebendo também a consciência decorrente de sua imagem, uma modalidade de conhecimento particular que o autor quis banir de sua teoria. A consciência de consciência é um tipo de realidade instigada pelo conhecimento do conhecimento, ou seja, torna-se tética de si mesma. Isto implicaria na dualidade sujeito-objeto, cognoscente-conhecido, incorrendo em uma tese substancialista justificando a necessidade da dualidade contínua porque para fundamentar ontologicamente o conhecimento este também o deveria ser ao modo epistemológico, segundo Sartre. Como transcendente é irrefletida porque é consciência posicional do mundo e exaure-se totalmente nesta ação, “toda consciência é posicional na medida na medida em que se transcende para alcançar um objeto, e ela se esgota nesta posição mesma: tudo quanto há de *intenção* na minha consciência atual está dirigido para o exterior” (SARTRE, 2011, p.22).

Assim, a atualidade da consciência finda-se no fenômeno, na aparição. Enquanto posicionamento transcendente voltado para o mundo, a ação da consciência deve ser compreendida como ser do fenômeno, manifestação totalitária da aparição, contrapondo-se, por exemplo, ao termo do em-si katinano, o que pode ser pensado, mas não conhecido. Para Sartre tudo é translúcido e tal nudez suplanta a dimensão exclusiva de ser conhecida por ela mesma, porque não há nada de incognoscível, é relação imediata com o exterior e não cognitiva de si a si. O ato reflexivo é apenas a recuperação do eu na sua atuação material, o que há no estágio em voga, primeiramente, é unicamente projeção *para-fora-de-si*, o ego apenas qualifica o sujeito como responsável pelo ato.

Por fim, percebe-se que o tema da ética ou da moral constituída aqui no sentido de *valor*, já que o *pour-soi* é a estrutura concebida como subjetividade, cabe então a

ela atribuir valorção levando em consideração a liberdade. Para fundamentar esta caracterização, é preciso reflexionar os alicerces da pesquisa, não favorecendo, apenas os textos filosóficos, todavia, acrescer os escritos de ordem literária. Para pensarmos a ética em termos ontológicos; teríamos de aceitar, o que não é dicotômico, o comprometimento adotado por Sartre, via literatura, estabelecendo-a como um recurso adstrito a finalidade de alcançar o público específico, denotando a funcionalidade de sua reflexão teórica, “[...] o escritor lida com significados” (SARTRE, 1993, p.13). Todo escritor, ancorado neste pressuposto, deve ser um indivíduo livre, e tal liberdade não é fantasmagórica ou abstrata, funda-se genuinamente no contexto aplicado, visando alterar o dado circunscrito. No caso do escritor, ela tende a retornar em exercício profícuo no momento que sua literatura reportar e compreender o compromisso efetivo. De acordo com o filósofo francês:

Escrever é, pois, ao mesmo tempo desvendar o mundo e propô-lo como uma tarefa à generosidade do leitor. É recorrer à consciência de outrem para se fazer reconhecer como *essencial* à totalidade do ser; é querer viver essa essencialidade por pessoas interpostas; mas como, de outro lado, o mundo real só se revela na ação, como ninguém pode sentir-se nele senão superando-o para transformá-lo, o universo do romancista careceria de espessura se não fosse descoberto num movimento para transcende-lo. (SARTRE, 1993, p.49).

Aquela tinta no papel não deve ser simplesmente um conjunto ordenado de ideias e conceitos, transcende as folhas, remete às prioridades capazes de tornar o mundo mais livre. A liberdade absoluta transcende para a liberdade prática corroborando na construção histórica do sujeito, especialmente, realçando a personificação dos grupos nestas atuações. O papel do escritor vincula-se à tentativa perene de apelar à liberdade do seu leitor, sendo assim, por meio da escrita, o empreendimento ético também qualifica o surgimento de toda ação livre, tendo por objetivo genuíno suscitar nos interlocutores a predisposição para o engajamento, pois cada sujeito deve encontrar e manifestar, com autenticidade, a sua *missão* na estrutura em situação na qual está inserido. A proposta ética, embora se diga inacabada, sugere todo ato como responsável e reunificado na ação subjetiva. O comprometimento político sartriano é paradigmático, pois o surgimento de uma liberdade absoluta para a qual procurava explicar como as escolhas poderiam ser feitas priorizando o caráter ontológico e prescindindo de relações causais, delimita as escolhas. A temática avança do plano teórico-metafísico ao ôntico, é o que se vê, por exemplo, em *As moscas*, a finalidade dramaturgica representa a composição e o surgimento do teatro de situação. Ora, isto diz respeito a um conjunto de circunstâncias que obstam o projeto humano e, por consequência, o perfil valorativo proveniente é coagido e situado, mesmo cerceando o exercício livre, não é possível anular totalmente a liberdade. E tal peculiaridade transpassa àquela misantropa ou isolada ou, como queira, solipsista, vivenciada por Roquentin, ela deve despertar para a história revelando a proximidade absoluta com o outro, é neste contexto que se percebe *A crítica da razão dialética* como continuidade *d’O ser e o nada*, trazendo à tona a *esperança* ética refletida em Sartre, o *engajamento*

está condicionado há um tipo de valor prático efetivo e transcendente.

A problemática da ética em Sartre afeta-o de maneira *sui generis* como a primazia inerente a todo filosofar: o “*espanto*”, o autor vê-se absorto perplexamente e esta angústia é compartilhada na pesquisa em curso. Por um processo decorrente do método socrático maiêutico, traz-se para a luz a tese central do trabalho iniciada nas páginas finais de *O ser e o nada* onde é retratada a liberdade remetida ao campo prático, ou mais tarde como ele denomina de *práxis*. Há uma preocupação atônita do autor acometendo o trânsito filosófico, de sua ontologia à história; é este percurso que, solidariamente, deseja-se percorrer e encontrar possíveis soluções, por enquanto, em polvorosa no campo da cogitação. Nas palavras de Sartre

a liberdade ao tomar-se a si mesma como fim escapará a toda *situação*? Ou, pelo contrário, permanecerá situada? Ou irá situar-se tanto mais precisamente ou tanto mais individualmente quanto mais vier a se projetar na angústia, enquanto liberdade em condição, e quanto mais vier a se projetar na angústia, enquanto liberdade em condição, e quanto mais vier a reivindicar em maior grau sua responsabilidade, a título de existente pelo qual o mundo advém ao ser? Todas essas questões, que nos remetem à reflexão pura e não cúmplice, só podem encontrar sua resposta no terreno da moral. A elas dedicaremos um a próxima obra. (SARTRE, 2011, p.765).

Houve tentativa, para tornar tal intento possível, primeiro na obra intitulada *L’homme* que, aliás, não progrediu. Posteriormente o assunto foi abordado em *Cahiers pour une morale*, ensaio filosófico publicado pela Gallimard em 1983 com as reflexões acerca da moral na sua concretude. Esta obra reúne inúmeras citações e anotações, conferindo o estilo e a maneira por meio da qual o autor costumava escrever para posteriormente amadurecer suas ideias e daí lançar suas conclusões. Em tais escritos haviam julgamentos oriundos de sua filosofia e convergências daí decorrente para com a história e com a antropologia; engendrando certo misticismo a sombra derivada de algo oculto, transparecendo o quanto, neste recorte textual, o tratamento à ética insurge prematuramente. Talvez a edição se trata de uma iniciativa da editora francesa já citada, apenas de publicar os textos inconclusos lançando um panorama do estágio de pesquisa feito por Sartre até então. Por isso, a preocupação premente em buscar nos variados títulos literato-dramaturgo este conceito, talvez difuso por Sartre.

Como se sabe, a filosofia explora respostas aos problemas surgidos diante do homem. Que é? Porque é? Como é? São as indagações fundamentais da sua atitude. Admiração e espanto implicam em tomarmos certa distância do nosso mundo costumeiro, das relações cotidianas, as circunstâncias diante das quais o homem age, e por meio do recurso racional olhar para o acontecimento, intencionado e analisando-o como se nunca o tivéssemos visto. É sob tal orientação que o objetivo do trabalho emana; em realizar a *époche*, colocar entre parêntesis o já *conhecido* de Sartre e aprofundar quais as possibilidades de sanar esta veia aberta no âmago de sua teoria fenomenológica-existencial.

Como toda resposta só pode ser iniciada pelo questionamento que a originou então se pergunta a Sartre: por quais razões as obras propostas à questão ética, assumiram

contraste de inacabamento mesmo sendo elas inúmeras vezes retomadas, versando acerca de um tema que parece seguir intransponível? Não seria este assunto algo impossível, malgrado como aquela identidade da subjetividade *pour-soi*? (corrompida pela negação, enquanto desejo eterno de plenitude, a *sede-deus* ou como nos ensina o francês, o homem é uma paixão avessa a de Cristo, ele quer salvar-se, mas a sua salvação está comprometida pela nadificação, portanto é paixão inútil). O perfil ético-nascente também poderia ser resgatado como pseudopaixão? Se, aparentemente, está fracassado, então, por quais razões o autor, se isto for possível, deixa-se vencer, dirimindo questões primorosas desta área? Quais são os motivos, inflexões que o fizeram sucumbir?

O bom filósofo sempre responde às perguntas com outras possíveis indagações. Neste jogo, a filosofia entra em cena e assume seu protagonismo como uma atividade em busca de conceitos e argumentos. Ao seguir o movimento de incursão da temática da valoração, da ética, esta só poderia ser remediada por um processo de cura e há uma alternativa para suplantar todo este embaraço. A primeira saída é perscrutar se tal assunto não estaria sedimentado sutilmente e pulverizado em todas as suas obras. A afirmativa parece óbvia e singela, mas é um trabalho esmerado num enxadrista, o movimento correto lhe colocará entre a vitória e o malogro, mesmo porque se Sartre sedimentou este assunto nas demais obras não parece claro porque viu a necessidade de escrever uma exclusiva para a questão. O caminho aqui verte para a pesquisa em seus escritos literários e há uma razão para isso, a literatura constitui-se como um canal profícuo e imanente, porque é uma perspectiva de situação. É distinguível porque não se constitui unicamente enquanto forma fictícia ou romanesca, como se encontra em *A náusea*, mas também aos seus escritos de ordem política, e, neste mesclar de roteiros e formas de escritas que se quer “desvendar” a trajetória, aparentemente, enigmática, ao problema do *valor*, crendo-se que aí estão os elementos que permitirão vislumbrar esta teorização sob a perspectiva do mote libertário para o qual tende e faz-se a filosofia fenomenológica em Sartre.

Pensadores como Husserl, Heidegger e Hegel influenciaram decisivamente Sartre, pois, acometido por tais contribuições filosóficas, ele encontrou a fenomenologia, levando-a ao extremo na relação direta com a existência situacional do indivíduo. A busca pelo ser, pensado filosoficamente, é merecedora de um autêntico e extenso argumento resultando na clássica obra *O ser e o nada*, estruturando a concepção de homem no pressuposto existencial característico do pensador francês. Encontra-se ali a preocupação em desenvolver uma teoria de consciência, harmoniosamente assentada em Brentano, e, posteriormente, desenvolvida por Husserl; a atividade da consciência estaria submetida constantemente a remissão à intencionalidade. Num movimento de *lançar-se*, à transcendência apresentaria um propósito além dos limites cogitativos, correlacionada à peculiaridade de *estar-fora-de-si*, isto é, em cada aparecimento remeteria ao objeto de maneira externa a si. Ser intencional implica na busca por superação de princípios justificados em teorias idealistas, encontrando seu estatuto na

singularidade objetiva e unificada no ato de intencionalidade. O ato consciente exaure-se na percepção intencional, de modo que a consciência sempre será consciente do objeto sem recorrer a princípio anterior a fim de antepor tal atuação, objetivando a si mesma como faria no ato de intencionalidade. Há apenas jogo fenomênico, por meio do qual a coisa aparece ou se dá.

O termo existência passará a ser a chave de compreensão para indagações acerca do homem. Tal revelação só pôde vir ao mundo por meio das palavras, as quais envolveram Sartre prematuramente, por um motivo clássico. Pessoalmente era alheado, absorto, não continha muitos vínculos afetivos e sociais e, por isso, era um tanto cômodo encontrar-se aprisionado no mundo literato porque, ao estreitar a relação com as palavras, o resultado mitigaria a necessidade das relações ambientais. Mas além de acreditar nesta coerência, os livros escondiam grandes segredos acerca do homem prontos a serem revelados, havia uma natureza de verdade perseguida vigorosamente. Eles representavam o porto seguro, eram seu refúgio, pois buscava, ao revirar de suas páginas, aquele fundamento “*mágico*”, sobrenatural, avesso à mitologia grega da caixa de pandora que ao ser aberta não traria para o mundo as agruras próprias da impotência humana, mas a fórmula desveladora dos enigmas fundamentais da humanidade. Sorrateiramente, enquanto efetuava, tenuamente, o exercício lúdico da leitura, essa doce ilusão foi tornando-se amarga, o despertar do sonho ficcional dado abruptamente o fez perceber o verdadeiro sentido da literatura: revelar ideias relativas a determinado contexto, pondo a termo um retrato no espelho temporâneo da vida aludida. Sartre chegou a desenvolver certa neurose por acreditar que escrevendo poderia revelar, intuitivamente, veracidade sobre o mundo a partir desta similaridade fantasiosa.

A literatura é despertada em Sartre no seu encontro com Bergson e sua obra. Sabemos que Bergson é estudado, atualmente por diferentes campos de saberes, entre eles, filosofia, [cinema](#), [literatura](#), entre outras. Contudo, a convergência entre os dois pensadores parece estar mais relacionada a dois aspectos. Primeiro: Bergson critica toda espécie de determinismo convertido na “coisificação” do homem engendrada por tal teorização e, segundo: à atitude filosófica similar de conceber a realidade humana sob a perspectiva da negação. A partir deste encontro o recurso prosaico estabelecido por meio da literatura torna-se fiel aliado no tratamento dos desdobramentos próprios de sua teoria da liberdade. Há estilo romanesco, mas não é reduzido a ficção; inúmeros são os escritos políticos representando a condição da liberdade situacional. Por esta via a literatura sintetiza e remonta à unidade em todos os seus escritos porque, internamente, constitui a finalidade de estabelecer a comunicação com as pessoas, com seu público, assim todo livro alcançará seu objetivo se somente for lido, pois, o escritor é uma figura que lida com significados, o “escritor é um *falador*: designa, demonstra, ordena, recusa, interpela, suplica, insulta, persuade, insinua”. (SARTRE, 1993, p.19). E a unidade, atualizada em termos éticos, é o que se procura seguir de perto, acompanhar a maturação deste conceito primoroso e imprescindível na filosofia

de Sartre.

O ponto de partida é a contingência como descoberta inicial para o homem, na sua primeira recuperação o sujeito passaria a assentar-se genericamente estabelecendo a relação simbiótica, em uma troca diametral, de constatação e significação para com a consciência. Tão logo, a constituição da consciência estaria voltada à exterioridade e seu atualismo obstinado em manifestar-se via *transcendência*. Para tratar destes termos Sartre recorre ao *ek-tasis* em sentido grego, significando sair de si, isto é, a consciência. O que o constitui “[...] originariamente o ser do Para-si é essa relação com um ser que *não* é consciência, que existe na noite total da identidade e que o Para-si, todavia, é obrigado a ser, fora de si, atrás de si”. (SARTRE, 2011, p.195). Este movimento perene devolve ao ser do homem a prerrogativa em três níveis ek-stático: o ser não é o que é, é aquilo que não é, e, concomitantemente, dialeticamente, é o ser que não é o que é e é o que não é. Ao leitor, isto pode causar um verdadeiro imbróglio, porém uma consciência constituída exclusivamente via transcendência, ek-stática, somente poderia se dar enquanto nadificação e negação de sua identidade. Idêntica a si mesma admitiria conjuntura estrutural resignada em si mesma. Em contrapartida, se quisermos compartilhar com Sartre na questão de uma consciência não-idêntica faz se necessário concebê-la enquanto ausência irrestrita de pressupostos fundamentais na sua arquitetônica, prescindindo da tese seguida por formulações idealistas, reportando ao aspecto de surgir enquanto propriedade de ser universalmente a fonte casuística de tudo aquilo que o ser humano pode ser e conhecer.

Apartir de tal pressuposto a realidade do *pour-sois* somente poderia ser vislumbrada enquanto o ser da falta, para Sartre “[...] o sentido profundo do *cogito* é, em essência, remeter para fora de si. [...] O que a descrição ontológica revelou imediatamente é que este ser é fundamento de si enquanto falta de ser, quer dizer, que determina seu ser por ser um ser que ele não é”. (SARTRE, 2011, p.135). Por esta via, sempre será carente do peso do em-si, a realidade plena, a identidade reverberada em si mesma, maciça, por onde jamais haverá vereda permitindo deslizar o *nada*. A paixão inútil busca eternamente agarrar esta plenitude sempre distante, como uma *miragem*, parece tão real quanto sua irrealidade, quando acredita tê-la alcançada ela se esvai, deixa de existir e se torna apenas recordação. O princípio de não-identidade coloca o homem na condição de *ser-ai*, para apropriar-se de um termo heideggeriano. Está lançado no mundo em um estado irrecuperável de absurdidade, de falta de sentido à sua vida. Nada remete a nada, tudo é vazio, já que é da natureza do para-si a tentativa fracassada de substancializar-se no ser-Em-si.

O *vazio da consciência* provoca desespero e angústia, porque somos resultado de um projeto sempre incompleto, no entanto não desistimos de alcançar à plenitude e no conflito desta condição, poderá haver influência da má-fé, como o autoengano. A vida é uma quimera e para tanto se torna aceitável afastar o caráter comprometido advindo da autenticidade. Mas nem por isso a vida deva ser sucumbida porque nesta especificidade elidível Sartre mostra-se absorto em refletir como poderemos *tocar*,

num caráter de compreensibilidade, o projeto humano sob o mote de seu fracasso. Visando elucidar tal intento, funda a psicanálise existencial sob este paradigma, se a consciência é exercício para-fora-de-si, alcançaria um estatuto de plena translucidez, estaria vazia, e para tanto suster seu exercício libertário. Por ora, nadificante, atua na perspectiva da *valoração*, sentido moral-atual só poderia chegar ao mundo por meio da consciência, da subjetividade, isto é, do ser do *para-si*. A questão seguiria daí revestida de singular cuidado, pois, o homem primeiro é *apresentado* à contingência para depois intencioná-la via consciência, a qual, não deveria ser projetada como um repositório remanescente dos objetos *mundanos*, todavia, assumiria a função de núcleo unificador e significante de toda ação empreendida pela subjetividade.

3 | CONCLUSÃO

Sendo o existencialismo uma maneira de humanismo, a decisão particular engaja o mundo todo, pois “sou [...] responsável por mim mesmo e por todos e crio determinada imagem do homem por mim mesmo escolhido; por outras palavras: escolhendo-me, escolho o homem”. (SARTRE, 1987, p.7). Esta condição deve conduzir à tese da moralidade, pois somos responsáveis no mundo, há uma perspectiva de “encarnação”; cada indivíduo é a representação total de sua época, vive a sociedade inteira a partir de suas escolhas, já que o homem surge como um projeto solitário, aparece fenomenicamente, e esquiva-se furtivamente. Tal precisão é temporânea, no sentido do contexto histórico, porque para sua presença no mundo não há fundamento algum capaz de o explicar, afastam-se raízes metafísicas ou naturais, teses egológicas ou proposições inatistas, nada poderá fornecer justificativas para sua existência. Assim, se todas estas condições são negadas, são *négation* ou propriamente nadificações, reduzem todo projeto humano ao nada, então o critério do valor só pode ser exclusivo, trazendo consigo a originalidade porque esta dimensão representa tudo o que se pode abranger no campo moral, é totalizante no sentido de *falta-alcançar*.

A existência é gratuita e o homem é lançado na sua facticidade, por um processo *violento* é arremessado no mundo, pois não pode escolher o estado de surgimento e, enquanto ser mundano, deve lidar com os temas de sua objetividade, os dados, acontecimentos, diante de seus olhos estendem-se exponencialmente e à subjetividade cabe à atividade de significância. O processo histórico compreende a ação subjetiva racional do homem, abraça-o determinando-o na exata medida em que realiza escolhas. Neste aspecto a literatura surge como recurso corporificada e atuante na representação contextual-histórica inspirando ao engajamento em termos valorativos, morais, enquanto livre compromisso avocando a história que nos é dada, constituída na relação de filosofia e vida. Por isso, o leitor mais atento estará envolvido ao constatar o motivo pelo qual Sartre se vê emaranhado em intermináveis tinteiros lançando mão a volumosos escritos para tratar da existência, afinal de contas isto representa sua unidade filosófica, é o problema que ataca vigorosamente o pensamento acerca de

sua existência. O pendão da escrita é quedante e retornará para uma encruzilhada nauseante, qual a envergadura da personificação da escrita, decididamente, declinada na sua vida enquanto pensador? Responder-se-á a indagação buscando a resposta no mesmo Sartre:

Tal é, pois, a “verdadeira” e “pura” literatura: uma subjetividade, um discurso tão curiosamente engendrado que equivale ao silêncio; um pensamento que se contesta a si mesmo, uma Razão que é apenas um momento de História, um momento histórico que, pelos aspectos ocultos que revela, remete de súbito ao homem eterno; um perpétuo ensinamento, mas que se dá contra a vontade expressa daqueles que ensinam. (SARTRE, 1993, p.28).

Ao apresentar *A crítica da razão dialética* Sartre visa estabelecer a conexão do marxismo com a sua filosofia anterior, afirmando que a liberdade traspassa para um novo patamar, contendo em si a autenticidade originária no âmago conceitual reacionário apresentado, isto é, escolher não é um ato irracional e nem solitário, é responsável porque ao eleger todo sujeito deve realizar boas escolhas, remetendo as prioridades em todo rol de possíveis, assim é um sistema vivo e engendrado no cerne de tal teoria corporificada por meio do engajamento..

A verdadeira liberdade é algo indefinível; atua como fuga, é atitude que deve ser tomada no seio da existência restabelecendo a sua realização fenomenológica a mercê da transcendência do *pour-soi*, o ek-stasi, sair de si para então alcançar algo que ainda não é, o ser faltado em si mesmo. Este termo implica o agir em relação aquilo que fizeram dele, o sujeito retorna reflexivamente ao campo de sua concretude objetiva e reage estabelecendo uma nova escolha sempre inovadora e original, transformando então, definitivamente, o seu estado atual, envolvendo a personalização da liberdade. A literatura engajada atua como pressuposto retribuindo a função primordial do intelectual, “escritor é engajado quando trata de tomar a mais lúcida e integral consciência de ter embarcado, isto é, quando faz o engajamento passar, para si e para os outros, da espontaneidade imediata ao plano refletido. O escritor é mediador por excelência, e o seu engajamento é a mediação”. (SARTRE, 1993, p.62).

Todo escrito, na atuação do intelectual, remeterá ao campo político, como contestação de sua situação, sobrepujando o questionamento do todo. Assim, se queremos acreditar que a moral seja realmente possível, ela só poderá estar arrolada em um contexto do engajamento, ou propriamente de uma filosofia do engajamento, em um mundo, obviamente determinado, mas que poderá ser livre, se o nível de liberdade alcançada suplantar toda tentativa de reducionismo da realidade humana. A liberdade está para além de uma situação particular encontra um contexto mais generalizante e transcendente, via *práxis*, assentando-se na ação reacionária do grupo, o que nos empurra para a questão do *valor*, da ética. Isto tem a ver com o caso de Gustave Flaubert na obra *o Idiota da família*, verdadeira apreciação experiencial sobre a aplicabilidade de sua teoria. O estudo de Sartre demorou praticamente 15 anos para ficar pronto, cujo tema levava em consideração tudo o que poderia se saber de um

homem, ou tudo o que este poderia ser, é uma análise de um caso concreto, levando em consideração existencialismo, psicanálise e marxismo, sob o viés antropológico e histórico. Tudo o que realizamos remeterá inevitavelmente à moral e esta empreenderá atividade imprescindível na análise das estruturas do próprio homem.

Por fim, em Sartre, a literatura vincula-se ao engajamento, é a liberdade genuína corporificada no seu caráter intencional, a atividade da consciência fenomenológica atuando sobre o existente num processo de negação e superação. A *négativité* surge no exercício literário como um reflexo, manifestado criticamente, negando a si e ao movimento histórico fazendo com que tal experiência seja excedida continuamente por um processo sintético. Como nos ensina Sartre, a literatura tem a função de falar para o outro e acerca do outro, a característica da consciência de estar voltada para fora, neste estágio de engajamento ambiental, tem a peculiaridade de amparar o singular-coletivo fazendo-o conhecer seu contexto e a sua realidade, a fim de o fazer produzir sua significação sem que, no entanto, a literatura seja rebaixada ou, por outro lado, revertida ou reduzida ao caráter ideológico. O campo da fenomenologia sartriana e, por consequência, de sua literatura, compreende o aspecto de que o homem é um problema para si, porque “o ser da consciência [...] é um ser para o qual, em seu ser, está em questão o seu ser”. (SARTRE, 2011, p.122). Ao passo que sua manifestação só ocorre no contexto do concreto, na sua objetivação, por meio do exercício ininterrupto, o signo coisificado de sua subjetividade abrange a peculiaridade de aperceber-se e tornando-se, no seu aspecto mais latente, resultado da capacidade primeira de sua transformação regressada exclusivamente ao engajamento imprescindível. Ou seja, se a subjetividade torna-se possível ela é um fenômeno evanescente, não se encontrará a partir de uma essência, mas num momento dissipado na sua objetividade no mundo e no seu atualismo, na sua imediatidade. O campo do *ethos* aplicado ao sentido generalizante e unificado apresentado na pesquisa pretendida origina-se no seio da perspectiva do engajamento na sua íntima relação com a subjetividade retornada especialmente de toda sua produção literário-dramatúrgica.

REFERÊNCIAS

SARTRE, Jean-Paul. **A Náusea**. Trad. Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

_____. **A Transcendência do Ego**, seguido de Consciência de Si e Conhecimento de si. Lisboa: Colibri, 1994.

_____. **Crítica da Razão Dialética**. Precedido por Questões de método. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002. Tomo I.

_____. **O existencialismo é um humanismo**; A imaginação; Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Rita Correia Guedes, Luis Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores).

_____. ***O ser e o nada*** – *Ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. Paulo Perdigão. 19^a ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. ***Que é a literatura?*** Trad. Carlos Felipe Moisés. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-098-8

